

DA VAZANTE PARA ROÇAS DE TOCO: OS CONFLITOS DA UHE DE ESTREITO (MA) NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DO ACAMPAMENTO CORAGEM¹

Lucas Moreira Amario²

Laylson Mota Machado³

RESUMO

O Acampamento Coragem é formado por trinta e seis famílias que foram atingidas com a implantação da Usina Hidrelétrica de Estreito (MA), e atualmente ocupam um território em Palmeiras do Tocantins (TO), reivindicando os direitos de ocupação, e as práticas culturais que lhes foram violadas pelo advento da construção do empreendimento. Desde que foram expropriados, em outubro de 2015, encontram no território formas de continuarem exercendo seus modos de vida. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é identificar os conflitos enfrentados pela população acampada na luta pela terra e em seu processo de resistência e ocupação da comunidade. Os caminhos metodológicos do presente estudo são guiados pela pesquisa qualitativa, com uso de entrevistas exploratórias e observação participante, buscando compreender as vivências ribeirinhas e suas trajetórias de ocupação às margens do rio Tocantins. Através dessa pesquisa, foi possível destacar a importância do território para a comunidade que desde a instalação da barragem vem enfrentando os conflitos e disputas socioambientais para permanecer no território e exercer seus modos de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Acampamento Coragem. Conflitos. Usina Hidrelétrica de Estreito.

FROM VAZANTE TO ROÇAS DE TOCO: THE CONFLICTS OF THE ESTREITO (MA) HPP IN THE RIVERSIDE COMMUNITY OF CAMP CORAGEM

ABSTRACT

The Camp Coragem is formed by thirty-six families that were affected by the Estreito Hydroelectric Power Plant (MA), and currently occupy a territory in Palmeiras do Tocantins (TO), claiming the occupation rights, and the cultural practices that were violated by the advent of the construction of the enterprise. When expropriated, they find in the territory they formed since October 2015 ways to continue exercising their ways of life. Thus, the objective of this work is to identify the conflicts faced by the camped population in the struggle for land and in their process of resistance and occupation of the community. The methodological paths of the present study are guided by qualitative research, using exploratory interviews and participant observation, seeking to understand riverside experiences and their occupation trajectories on the banks of the Tocantins

¹ O presente artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia, defendido em 06 de julho de 2022.

² Graduado em Licenciatura em Geografia, Universidade Federal do Norte do Tocantins.

E-mail: lucas.moreira1@mail.uft.edu.br

³ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (PPGS/UFPEL). Mestre em Estudos de Cultura e Território pela Universidade Federal do Tocantins (PPGCULT/UFT). Cientista Social pela Universidade Federal do Tocantins. Membro do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA/UFMA).

E-mail: laylsonmm@gmail.com

River. Through this research, it was possible to highlight the importance of the territory for the community that, since the installation of the dam, has been facing social-environmental conflicts and disputes to remain in the territory and exercise their ways of life.

KEYWORDS: Camp Coragen. Conflicts. Estreito Hydroelectric Plant.

1. INTRODUÇÃO

A Usina Hidrelétrica de Estreito (UHEE) iniciou suas obras em fevereiro de 2007, trata-se de um empreendimento hidrelétrico localizado entre os municípios de Estreito, no Maranhão e Aguiarnópolis, em Tocantins, sendo administrada pela confraria de empresas nacionais e multinacionais, a ser gerenciada pelo Consórcio Estreito Energia (Ceste). A construção da UHEE dá-se com a proposta de promover o desenvolvimento da região, pautados na produção de energia elétrica advinda da força hidráulica dos rios, e com isso, viria a contribuir com o crescimento econômico do país. A barragem impactou 12 (doze) municípios da área em que a usina abrange, sendo eles: Carolina e Estreito, no estado do Maranhão, Aguiarnópolis, Babaçulândia, Barra do Ouro, Darcinópolis, Filadélfia, Goiatins, Itapiratins, Palmeirante, Palmeiras do Tocantins e Tupiratins, no estado do Tocantins, alagando uma área de 400 km² (OLIVEIRA, MACHADO; SIEBEN, 2021).

Dentre os grupos de atingidos pela UHE de Estreito, destacam-se os/as moradores/as da comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem. A comunidade ocupa um território em Palmeiras do Tocantins (TO), em limite com a ferrovia Norte-Sul, distanciando-se da sede da barragem localizada em Estreito (MA), que fica aproximadamente a 13 km onde se localiza o município que a comunidade situa-se. A ocupação do território teve início em outubro de 2015, época em que os/as ribeirinhos/as estavam lutando e reivindicando seus direitos. A maioria dos/as pescadores/as é associada à Colônia de Pescadores Z37, da cidade de Estreito, e por consequência da instalação da UHEE, tiveram que ser realocado em um novo território para continuarem exercendo suas práticas ribeirinhas, valorizando sua cultura e seus modos de vida.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar como foi o processo de adaptação da comunidade, retratando sobre seus modos de vida, e o porquê da importância de se localizarem nas proximidades do rio Tocantins, abordando questões como a resistência e luta contra a hegemonia do capitalismo provocada pelo a Usina Hidrelétrica de Estreito, devido a importância que o local possui para a comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem.

A metodologia adotada foi a qualitativa, cujo principal característica é oferecer ao leitor informações mais aprofundadas em relação ao tema que será trabalhado. Vale considerar também que a pesquisa qualitativa é exploratória por natureza, e ajuda a entender os detalhes sobre um assunto ou um problema (MINAYO, 1992).

Com base em Minayo (1992), a pesquisa qualitativa possui importância por proporcionar ao pesquisador uma análise aprofundada à comunidade do Acampamento Coragem, devido ao método qualitativo possuir características de pesquisa como o estudo de aglomerados, comportamento humano em dimensões territoriais, levando em consideração a forma como pensam, constroem sua cultura e a si mesmos.

Como técnica de pesquisa utilizamos a entrevista exploratória, momento em que o pesquisador vai a campo, nas conversas com os/as acampados/as, coletando as narrativas sobre o acampamento e a UHE de Estreito. Para Thompson (1992), a importância da pesquisa exploratória, se dá devido ao fornecimento do conhecimento do campo, observando as complexidades do território, e através dos dados coletados proporcionarem ao pesquisador as possibilidades para solucionar a problemática do tema trabalhado.

Foram entrevistados 3 (três) homens e 2 (duas) mulheres, totalizando 5 (cinco) pessoas. As entrevistas foram realizadas durante a Aula Campo ministrada na disciplina Geografia da População, em 23 de novembro de 2019. Vale destacar que a visita ocorreu em 2019, antes do início da pandemia da Covid-19⁴. Por ser o vírus altamente contagioso, e a vacina não ter alcançado toda a população do Brasil, e para evitar propagação da doença na comunidade, não foram realizadas mais visitas a campo. Portanto, todos os dados recolhidos foram antes da pandemia, sendo utilizado com base nos dados coletados na Aula Campo.

Para obter informações mais aprofundadas sobre o campo de pesquisa foi utilizado o uso da observação participante, que tem como objetivo o pesquisador se aprofundar mais na dinâmica do grupo, no seu modo de vida natural (PARREIRA, 2017). Em vista disso, o presente texto busca

⁴ Coronavírus é um vírus zoonótico, um RNA vírus da ordem Nidovirales, da família Coronaviridae(1). Essa é uma família de vírus que causam infecções respiratórias, os quais foram isolados pela primeira vez em 1937 e descritos como tal em 1965, em decorrência do seu perfil na microscopia parecendo uma coroa(2). Os tipos de coronavírus conhecidos até o momento são: alfa coronavírus HCoV-229E e alfa coronavírus HCoV-NL63, beta coronavírus HCoV- OC43 e beta coronavírus HCoV-HKU1, SARS-CoV (causador da síndrome respiratória aguda grave ou SARS), MERS- CoV (causador da síndrome respiratória do Oriente Médio ou MERS) e SARSCoV-2, um novo coronavírus descrito no final de 2019 após casos registrados na China. Esse provoca a doença chamada de Covid-19 (LIMA, 2020).

ênfatisar os conflitos e resistência da população atingida pela barragem de Estreito e as alternativas utilizadas por essa comunidade na luta pela terra e por manter os modos de vida.

2. A MEMÓRIA E A PERCEPÇÃO DE LUGAR: A AFEIÇÃO DOS ACAMPADOS COM O RIO TOCANTINS

A memória e a afeição da comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem com o rio Tocantins, trazem questões voltadas ao sentimento ligado à saudade. Depois da construção da UHEE, o rio Tocantins nunca mais apresentou as condições de antes da barragem, conforme destaca a população ribeirinha. O conflito ambiental na comunidade traz atualmente memórias de afetividade. A percepção de lugar quando estudada na categoria geográfica, aborda-se questões de valorização de um determinado ponto específico em que pessoas tendem a compartilhar sentimentos e memórias.

Depois da construção da UHEE, os acampados tiveram que passar por um processo de rememoração. Essa rememoração se dá em prol da valorização de seu território. Segundo Teixeira (2005), as comunidades tradicionais quando são colocados sobre uma possibilidade de usurpação de suas terras, a partir da implantação de grandes empreendimentos, fazem surgir discursos de valorização de seu território, de composição de sua identidade, e de resgate e criação de suas memórias coletivas.

Quando se relaciona essa abordagem com os embates enfrentados pelos ribeirinhos, a questão está voltada para a valorização de identidade, fazendo com que os moradores, apesar de terem memória afetiva de seu antigo território, podem-se adaptar ao novo local onde se encontram, trazendo perspectivas de novas vivências, relacionando com as práticas ribeirinhas que exerciam. O apego às memórias e ao lugar que possui características que continuem exercendo seus modos de vida, destacando principalmente o rio Tocantins, faz com que a comunidade ribeirinha tenha afeição pelo território alagado.

O rio é o principal fator que lhe atribuiria memória. Essa afeição é bastante citada pelos acampados, durante as entrevistas realizadas na pesquisa de campo⁵, uma pescadora identificada como D.L., entrevistada em 27 de novembro de 2019, ressalta que sempre exerceram práticas ribeirinhas: “*Apesar da gente sempre estar nessa rotina. Sempre foi de roça mesmo, foi na margem do rio Tocantins, foi abaixo, agora estamos acima da barragem, foi nessas idas e voltas*” (D.L., 2019). O modo de vida na beira de rios através dos anos, como dito pela acampada, consolida a memória. O modo de vida construído com o passar

⁵ “A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]” (GONSALVES, 2001, p. 67).

do tempo em locais que foram gerados o sentimento de lugar por comunidades tradicionais, pode proporcionar sentimentos de saudade quando saem do seu antigo território, ainda mais quando são contra as suas vontades.

De acordo com Machado (2020), o valor proporcionado pelos recursos ambientais sempre estiveram juntos no decorrer de toda a história da comunidade ribeirinha. Todas as atividades exercidas pelo rio se deram pelas práticas ribeirinhas. Tais narrativas geram afetividades com aquilo que a terra e o rio lhes proporcionam, representando um valor imaterial.

O rio Tocantins é o principal recurso natural, devido proporcionar à comunidade ribeirinha meios de subsistência. Nas narrativas dos/as acampados o rio destaca-se pela sua importância e relação imaterial que a população tem com esse recurso, traçando seus modos de subsistência e existência ao que produzem a partir do que o rio lhe oferece. Na percepção dos acampados, à beira do rio é a única forma que eles possam viver, conforme afirma a pescadora aqui denominada de D.M, em entrevista em 23 de novembro de 2019: “*tudo é do rio, vive do rio*”. (D.M, 2019). Sendo assim, a afeição ao rio Tocantins se dá pela continuidade de exercer suas práticas ribeirinhas:

O sossego, a produção e a realização em estar na beira do rio e de continuarem exercendo suas atividades culturais e profissionais perpassam narrativas de resistência e subsistência. Com isso, as percepções de lugar e memória do território alagado estão presentes em seus relatos, tendo em vista que a fixação de uma nova territorialidade ocorre através daquilo que o lugar significa para estas comunidades (MACHADO, 2020, p. 99).

De acordo com Tuan (1980), a consciência do passado tem muito a ver com o amor pelo lugar. Para intensificar a lealdade pelo lugar, as comunidades tradicionais quando demonstram suas afeições pelo local, recorrem aos laços com a natureza e suas histórias que tiveram no território. Isso é comprovado na fala dos moradores, e por nós entrevistado o S.J, em entrevista em 23 de novembro de 2019, quando ressaltam o antes e depois do rio Tocantins voltado para questões da pesca: “*Ficou mais escasso, em comparação né, porque às vezes a pessoa gastava pouco e produzia mais, hoje gasta mais e produz menos.*” (S.J, 2019). A fala do pescador se refere a como ficou a pesca antes e depois da construção da barragem. Uma época em que a comunidade não estava passando por embates voltados para questões socioambientais, e podiam utilizar o rio Tocantins, sem intervenções de empresas em prol de grandes empreendimentos, e a fartura que se encontrava a pesca devido ao rio não ter passado por impactos ambientais em consequência da barragem.

Parafraseando Tuan (1980), as vidas de comunidades tradicionais estão ligadas aos grandes ciclos da natureza, se enraizando desde o nascimento, crescimento e morte. Apesar de passarem por

empecilhos, ostenta uma seriedade que poucas outras ocupações podem igualar. Segundo o autor, pouco se sabe sobre o comportamento dos agricultores para com a natureza. O que se sabe é que uma imensa literatura, em grande parte sentimental, sobre a vida rural com pessoas sem calosidade.

Entretanto, quando são abordados estudos mais profundos, podemos dizer sobretudo que é vedado aos olhos de grande nível das populações. A relação afetiva e cultural da comunidade ribeirinha com o rio Tocantins transmite uma visão territorial de significados ao território da população acampada. A maioria dos ribeirinhos do Acampamento Coragem seguiram a profissão de seus pais, tornando-se pescadores e pescadoras, exercendo assim a profissão de pesca e conhecendo o rio como ninguém. Através deste apontamento, é notável o quanto o rio Tocantins se torna importante para a comunidade ribeirinha (MACHADO, 2020).

Portanto, pelo rio Tocantins ser o principal meio de subsistência, torna-se então um lugar a ser defendido. As afetividades vão se formando através do que o lugar proporciona às populações, formando laços que permeiam as suas histórias de vida. As memórias de quando as redes de pesca saíam cheias de peixes fazem com que os/as ribeirinhos/as tenham resistência ao território para que assim, não perca suas essências de pescadores e pescadoras. Embora o rio esteja bastante impactado devido à construção da UHEE, o passado é presente nas memórias dos acampados e não faz com que queiram se reterritorializar em centros urbanos, onde o modo de vida é totalmente diferente do qual eles vivenciam.

3. RESISTÊNCIAS: A LUTA PELOS DIREITOS RIBEIRINHOS

A resistência da luta pela terra se deu pela busca de modos de vida dignos da comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem que sofreram devido à construção da Usina Hidrelétrica de Estreito. Essa resistência se dá pelo fato dos/as acampados/as continuarem exercendo seu modo de vida como pesca e a plantação. Sendo assim, devido aos laços de afetividade com o território, a comunidade se encontra em resistência na luta pelo local.

A resistência é uma força, uma energia, um instrumento de controle de uma realidade difícil que nasce do fato de que não renunciamos facilmente a algo que aparentemente nos traz benefícios. É preciso ver os membros do grupo e o grupo como um processo em ação multidirecionada na qual todas as direções são possíveis, desde que promovam o bem-estar do grupo e de seus membros. A resistência não surge como algo contra o indivíduo ou grupo, mas algo do indivíduo ou do grupo ou de ambos (RIBEIRO, 2007, p. 77).

A comunidade ribeirinha busca resistir às ameaças de despejo e a perda da terra que tanto lutam desde 2015. Entretanto, a judicialização da luta pela terra ainda prossegue, a população acampada continua resistindo e ocupando-a, e exercendo suas práticas ribeirinhas (OLIVEIRA, 2021). Em uma entrevista com uma pescadora, aqui identificada como D.J, em 23 de novembro de 2019, ela destaca os fatores enfrentados na luta pela terra, como também a valorização do território: *“porque é uma luta muito grande. Nós estamos aqui lutando por esse pedacinho né que pra nós é muita coisa, para quem nunca teve nada, o pouco é muito, é aqui que a gente está”*. (D.J, 2019).

Apesar do Acampamento Coragem não proporcionar uma das melhores condições de vida a comunidade ribeirinha, em razão dos conflitos socioambientais da UHEE, nota-se na fala da moradora o quanto o território tem significado para eles. Os laços de afetividade pelo lugar podem resultar muito dessa fala da moradora. Sendo assim, a resistência pelo território se encontra como uma alternativa para que não perca o território, e continuem exercendo suas práticas ribeirinhas.

Segundo Machado (2020), as resistências ocorrem através dos processos de ocupação territorial, como as populações atingidas por barragens, na qual buscam por alternativas de subsistência em territórios de disputas. Exemplo disso está a comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem que atualmente se encontra em uma disputa territorial contra os empreendedores da barragem. Quando se estuda comunidades tradicionais, é notório que resistência sempre estiveram presentes em suas histórias através das lutas pelas terras.

De acordo com Melo (2016), a resistência da luta pela terra contra os proprietários latifundiários quando visto em um contexto histórico de famílias que não se encontram notáveis, acaba tornando-se algo comum para muitas pessoas devido ao grande número de conflitos em toda a história.

A resistência tornou-se algo cada vez mais recorrente na vida dos moradores do Acampamento Coragem, um exemplo são as manifestações realizadas pela população acampada reivindicando direitos por terra e lutando para manutenção do seu modo de vida. Os protestos ocorreram em agosto de 2010, e foram vistas como forma dos pescadores resistirem à construção do empreendimento (MACHADO; SIEBEN; ALMEIDA, 2021). Cover e Santos (2020) ressaltam que as manifestações duraram 10 (dez) dias, com caminhadas pela rodovia federal com o objetivo de reivindicar seus direitos. Quando chegaram em Estreito(MA), os manifestantes fecharam por algumas horas a ponte que liga os estados do Tocantins e Maranhão, logo em seguida acamparam próximo ao local das obras, negociando com o consórcio construtor e o governo Federal.

O acampamento das famílias de todos os atingidos pela UHEE permaneceu em Estreito (MA) até o ano de 2011. Posteriormente, uma parte das famílias que não tiveram seus direitos garantidos, decidiram se unir em um acampamento por reforma agrária, em associação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Comissão Pastoral da Terra (CPT), em Luzinópolis – (TO). No ano de 2012 os acampados decidiram retornar aos seus municípios localizados nas proximidades da beira do rio Tocantins (COVER; SANTOS, 2021).

Apesar da construção da UHEE ter sido iniciada em 2007 e inaugurada em 2012, o discurso referente ao grande empreendimento se apresenta no início, ou seja, há uma década. Já se passaram mais de 10 (dez) anos desde o desencadeamento dos conflitos ambientais que poderiam provocar as comunidades tradicionais, audiências, liberação por parte das autoridades, levantamentos para indenização dos atingidos, construção e inauguração da obra (COVER; SANTOS, 2021). Portanto, quando observa-se todo o processo ocorrido no início da construção da UHEE é notório que as empresas responsáveis dispunham conhecimento da localidade dos ribeirinhos nas proximidades do rio Tocantins. Um morador ressalta que teve uma conversa com um dos empregados da UHEE, questionando sobre a invisibilidade dos pescadores, identificado por S.J, em entrevista concedida em 23 de novembro de 2019, nas construções desses empreendimentos:

E aí eu fui perguntando para ele, porque eles fizeram um empreendimento daquele tamanho e esqueceram do pescador. Então ele disse que não: — “não foi esquecido pescador e nem o ribeirinho [...] alguém que estava administrando vocês que não soube enxergar vocês.” Isso que ele falou, e não falou mais porque não pode falar (S.J, 2019).

Somente a partir de 2008 que a comunidade ribeirinha foi reconhecida como atingida, através de muitas lutas e reivindicações. “[...] estes trabalhadores conquistaram, em âmbito nacional, o reconhecimento da categoria de pescador como “atingido” (ROCHA, 2016, p. 51). Vale destacar também o decreto assinado pelo ex-presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, que considera o pescador como atingido. De acordo com a Lei nº 7.342, de 26 de outubro de 2010, art. 1º, publicado no Diário Oficial da União (DOU), estabelece: “Art. 1º Fica instituído o cadastro socioeconômico, como instrumento de identificação, qualificação e registro público da população atingida por empreendimentos de geração de energia hidrelétrica.” (BRASIL, 2010, p. 2).

Apesar do Decreto, anteriormente mencionado, com o intuito de reconhecer comunidades tradicionais enquanto atingidas pelas usinas hidrelétricas, os acampados ainda enfrentam dificuldades

em consequência de não serem reconhecidas, isso pode levar em consideração as manifestações em frente à UHEE.

A reflexão que se dá é que não houve intervenção do Estado na construção da UHEE. Apesar do reconhecimento dos conflitos que o megaempreendimento iria trazer a comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem, as licenças foram concedidas. O empreendimento expropriou milhares de famílias acarretando conflitos como manifestações na luta pela terra. As plantações, cultivos de alimentos vindo através da terra torna-se algo fundamental na vida dos acampados, não só a terra como também o território para suas vivências. Os grandes empreendimentos vêm com uma grande problemática nessa questão, no caso da UHE de Estreito, ocorreu a inundação e depois a expulsão. Apesar dos acampados terem inúmeros motivos para terem que sair das margens do rio Tocantins, ainda encontram-se no local firmes na luta pelos seus direitos pela terra, permanecendo viva os seus modos de vida e suas culturas perpassando por gerações.

4. CONSTRUÇÃO DE NOVAS TERRITORIALIDADES: A ADAPTAÇÃO NO LUGAR RIBEIRINHO

A formação da comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem ocorreu após a construção da UHE de Estreito, em outubro de 2015. Vale ressaltar que a população sobrevive da pesca e da agricultura, sendo assim, a escolha da terra se deu pelo fato do rio e o território fornecerem condições para exercerem suas práticas ribeirinhas. É importante destacar também, que todo o processo de ocupação se dá através de uma série de reivindicações, seja pelo direito aos modos de vida, pesca ou inúmeros fatores que foram violados devido à construção da barragem, porém, sobretudo está relacionado a condição de acampados que o próprio consórcio considerou. Quando descumprida a promessa de autorização de uso da terra, os moradores decidiram acampar a terra para a garantia de direito do acampado (MACHADO, 2020).

Apesar dos conflitos em prol da luta por um território às margens do rio Tocantins e também reivindicações devido à construção da UHEE, a maioria dos moradores da comunidade ribeirinha são do município de Estreito (MA). As trajetórias dos/as acampados perpassam os espaços rurais e urbanos, em razão da ausência de políticas públicas, é necessário que se locomovam até o município de Estreito para terem acesso à educação, saúde, como também levar o pescado para venda. Apesar de todas as dificuldades, os acampados optam por permanecer à beira do rio para que possam utilizar o território para realizarem plantação de frutas e legumes, como também o lago na realização da pesca. É notável o reconhecimento da importância do território à margem do rio Tocantins, tendo em vista

as práticas culturais e profissionais exercidas por eles, como destaque na narrativa do ribeirinho, identificado como S.J, em entrevista: “*que nós vive da pesca e do trabalho né [...] nós cria galinha, o porquinho, [...] a roça*” (S.J, 2019).

Figura 1 - criação de galinha



Fonte: Machado (Dezembro/ 2017).

Figura 2 - criação de porcos



Fonte: Machado (Julho/ 2019).

As fotografias 1 e 2 destacam as criações de animais no acampamento, fazendo parte da identidade cultural dos acampados. Sendo assim, apesar da pesca ser o principal meio de subsistência da comunidade ribeirinha, a criação de animais como porcos, galinhas e patos complementam suas rendas (MACHADO, 2020).

Por seus meios de subsistência se encontrarem próximos às margens do rio, isso levando as condições para a pesca, plantação e criação de animais, é possível notar o porquê da comunidade optar por se localizar no espaço rural e ribeirinho. Na fala do acampado s.J ele também cita “*vive da pesca*”, esse apontamento confirma a importância da territorialidade à beira do rio, “dado o fato que [...] a

alternativa encontrada pelas populações atingidas foi de migrarem para as margens do lago, para que por meio disso pudessem continuar exercendo suas práticas culturais” (MACHADO, 2020, p. 92). Desse modo, a territorialidade é entendida como determinado local onde acontece a vida cotidiana das pessoas, uma área onde um grupo possa exercer o trabalho, lazer, moradia.

A territorialidade é o acontecer de todas as vidas cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, da igreja, da família, da escola, etc., resultado e determinante do processo de produção de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (SAQUET, 2013, p. 129).

Trazendo as percepções de Saquet (2013) nos estudos de territorialidade relacionando com a vida cotidiana da comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem, para que continuassem exercendo suas atividades de pesca, agricultura e até mesmo a moradia na beira do rio, os acampados tiveram que se adaptar ao novo território, como também na abordagem do autor, o conceito de territorialidade, fazendo diretamente ligação com as questões de vida cotidiana na qual é abordada por um determinado grupo.

Antes da construção da barragem os ribeirinhos se localizavam em pontos de pesca nas margens do rio Tocantins. Portanto, devido ao enchimento do reservatório, ocorrendo assim à inundação, as condições do lago não são como antigamente, prejudicando a pesca e conseqüentemente a vivência ribeirinha. Em uma entrevista cedida, em 23 de novembro de 2019, o pescador S.J ressaltava o antes e depois sobre como ficou os gastos financeiros relacionados à pesca, assim como, os prejuízos das redes de pescas rasgadas em consequência dos troncos de árvores presentes no rio depois da inundação.

[...] ultimamente nós comprava [sic] 30 reais de gasolina, comprava seis barra de gelo [...] dava para fazer uma pescada de três dias [...] nós pegava uns 60 quilos, às vezes menos e às vezes até mais. Hoje nós põe [sic] 10 barras de gelo em uma caixa de isopor, põe 50 reais de gasolina [...] passa seis noites no rio [...] quando acerta enche a caixa, quando não acerta [...] as vezes acontece até de rasgar a rede por causa dos paus...] então nós volta para trás [...] A última pescaria deu mais, se não vai ter que comprar fiado para ver se recupera (S.J, 2019).

O prejuízo que enfrentam devido ao rio não proporcionar uma boa pesca como antigamente antes da barragem, faz com que os acampados tenham que ter maiores gastos para realizar a pescaria. O motivo da comunidade ribeirinha comprar mais barras de gelo se justifica pelo fato de terem que passar mais noites no rio, na esperança de ter uma pesca mais produtiva. Portanto, o pescador também

destaca os enfrentamentos voltados à presença de troncos de árvores presentes no lago, e em alguns acontecimentos chegam a rasgar suas redes de pesca.

Esse processo de antes e depois da barragem, voltado a como ficou a qualidade da pesca, pode ser destacado como uma das problemáticas que a comunidade ribeirinha teve que se adaptar. Os gastos financeiros e mais noites no rio com o intuito de bons resultados de pesca confirmam sobre mudanças de antes e depois da barragem, e a adaptação no novo território de pesca, devido às péssimas qualidades proporcionadas pela inundação do rio.

A dificuldade de adaptação ao novo lugar foi muito sentida pelas pessoas mais velhas, que tinham um vínculo e um sentimento de pertencimento ao antigo lugar de moradia muito forte. Acostumados a viverem no rio e do rio, lugar onde os sentidos eram partilhados com o grupo, o enchimento do lago da usina acaba submergindo a identidade daqueles que no rio se inspiravam (CARVALHO; OLIVEIRA; FONSECA, 2017, p. 97).

A adaptação é um processo lento, a passagem de uma vida para uma pessoa que está acostumada a utilizar a pesca com qualidade e ser atingida por impactos ambientais prejudicando seu principal meio de subsistência, faz com que a comunidade ribeirinha procure novas alternativas para continuar exercendo seu modo de vida como, por exemplo, os maiores gastos para compra de blocos de gelo, passando então mais noites no rio realizando a pesca. A agricultura também foi outro meio de subsistência prejudicado, a proibição de plantações em função das Áreas de Preservação Permanente (APP) fez com que os acampados procurassem novas alternativas para realizarem a plantação de frutas e legumes. As roças de toco foi uma dessas alternativas utilizadas pelos ribeirinhos, que através de suas habilidades no plantio, continuaram com suas plantações apesar dos desafios enfrentados em consequência do solo ácido do cerrado.

5. “SE NÃO PESCAR VAI VIVER DE QUÊ?”: OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO PESQUEIRA

A pesca é o principal meio de subsistência da comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem, é através dela que os acampados se sustentam, seja no consumo, ou na venda do pescado. O título desse tópico destaca a fala de uma das pescadoras da comunidade, ao narrar as dificuldades enfrentadas na vivência ribeirinha, destacando que a vida no espaço urbano é inviável para sua família, ao fato que suas atividades culturais e profissionais relacionam-se à pesca.

Antes da instalação da UHEE, o rio Tocantins apresentava -se em excelentes condições para a realização da pesca. Sem os impactos ambientais provocados pela usina, não havia acontecido queda

na produção de pesca. Portanto, no decorrer da construção da UHEE, os ribeirinhos relataram o prejuízo em relação à pescaria, e sobretudo o que tiveram que enfrentar em consequência do empreendimento, conforme o relato do S.J.

Morreram setenta mil toneladas. Foram tirados [sic] peixe morto de Imperatriz, olha a distância de Imperatriz, 128 Km. Era voadeira 24 horas tirando os peixes mortos e ainda não deram conta de tirar todos. Lá dentro tem cemitério de peixe, acho que é dez ou doze cemitérios de peixes, é cinquenta metros de comprimento com metros de fundura e com 1 metro e meio de largura. Eles enchem com a caçamba, então colocam uma lona e enterram (S.J, 2019).

A narrativa do acampado relata o principal desastre ambiental voltado para a queda na produção pesqueira. O impacto ambiental ocorreu no período da construção da barragem, portanto, a responsável pela UHE de Estreito (Ceste) ainda adotou medidas para solucionar a problemática da mortandade dos peixes. Em 2010, a empresa realizou o programa ambiental chamado “Conservação da Ictiofauna (peixes)”, com o objetivo de instalar barragens provisórias com o intuito de desviar água (ensecadeiras). Segundo o Ceste, com a aplicação deste projeto, tiveram sucesso e conseguiram resgatar mais de 22 (vinte e dois) mil exemplares de 100 (cem) espécies resgatadas (UHE ESTREITO, 2010).

Figura – 3 - Resgate de peixes em barragem provisória



Fonte: Conexão Tocantins, 2010⁶

⁶ Disponível em: [https://conexaoto.com.br/2010/04/15/resgate-de-peixes-entre-as-ensecadeiras-da-uhe-estreito-e-realizado-com-sucesso#pp\[noticia\]/0/](https://conexaoto.com.br/2010/04/15/resgate-de-peixes-entre-as-ensecadeiras-da-uhe-estreito-e-realizado-com-sucesso#pp[noticia]/0/). Acesso em: 04 jun. 2022.

Apesar do projeto aplicado pelo Consórcio de Energia de Estreito (Ceste), as medidas para o resgate de peixes não foram alcançadas com sucesso. No ano de 2011, um ano após a Ictiofauna, ocorreu um aumento na mortandade de peixes. Segundo a assessoria de imprensa da UHEE, a morte de peixes teve relação com a Unidade Geradora 1, após a mortandade dos peixes, os testes foram imediatamente paralisados e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), foi informado sobre o ocorrido (CONEXÃO TOCANTINS , 2011).

Nota-se então a complexidade enfrentada pelo Ceste voltada para a questão ambiental. Apesar do projeto ser aplicado com medidas para o resgate de peixes sendo realizado, no ano de 2010, e de acordo com a empresa foi obtido com sucesso, um ano depois já ocorreram acidentes voltados à mortandade de peixes. Isso reflete sobre a questão da problemática que traz o grande empreendimento, apesar dos projetos em prol da sustentabilidade do meio ambiente, as usinas hidrelétricas sempre irão trazer marcas de impactos ambientais, prejudicando tanto o meio ambiente, como também às comunidades tradicionais que dependem do peixe para sobreviver, passando a enfrentar vulnerabilidades, conforme destaca a acampada d. M, em 23 de novembro de 2019: “*Hoje nós estamos passando fome*” (D. M, 2019).

Apesar do prejuízo a comunidade em consequência da mortandade dos peixes e junto com a problemática veio a queda na produção pesqueira, Machado (2020) ressalta a persistência dos acampados de continuarem exercendo a pesca:

Mesmo com a queda na produção pesqueira, como também das espécies de peixe, que é relato recorrente entre a maioria dos pescadores, essa família encontra formas de sobreviver através da pesca escassa que atualmente encontram no lago. Por meio disso, observamos que as narrativas de resistência dos ribeirinhos adentram no campo da subsistência, por serem pescadores e, como muitos destacam, “é a profissão que eu tenho”, a morada na beira do rio se dá exatamente pelo exercício de sua prática profissional (MACHADO, 2020, p. 115).

Trazendo referência às percepções de Machado (2020) sobre a resistência da comunidade para continuar exercendo a pesca no rio Tocantins, os acampados apresentaram narrativas dos desafios que enfrentam durante a pescaria. Segundo os ribeirinhos, por não conseguirem pescar peixes de qualidade, acabam optando por pescarem no outro lado da barragem, local proibido pelo Ceste. De acordo com a comunidade ribeirinha, do lado oposto da barragem, nas proximidades da sede da usina, é onde encontram-se os peixes como jaú ou a cachorra de canal. Acompanhe trecho da entrevista do S. J:

eu já entrei lá muitas vezes. Já arrisquei a vida um bucado de vez, o caba arrisca a vida para pegar o peixe lá dentro. Quando é 7 horas da noite, na troca de guarda, sento de barco em um pontapé (...) Lá dentro se você entrar com o celular filmando, você

pilotando você não filma, tem que ser outra pessoa filmando, porque o negócio lá é feio. E nós ia até lá de baixo no pé da parede. As turbinas funcionando e nós aqui amarrado no cabo de aço, pescando a cachorra de canal, pescando o jaú, pescando filhote (S.J, 2019).

Nas narrativas do pescador, é possível notar a problemática que enfrentam para realizar uma pesca de peixes distintos que não são encontrados do lado onde a comunidade se encontra. Apesar dos perigos que os pescadores enfrentam, os ribeirinhos se encontram dispostos a arriscarem suas vidas para conseguirem o peixe. A resistência para continuar exercendo os seus modos de vida, ainda continua viva em cada morador da comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem.

Outro ponto a ser destacado, se encontra na qualidade encontrada no peixe do rio após a instalação da UHEE. Segundo os acampados, o sabor do peixe já não é mais o mesmo, ou seja, não é como o pescado antes da barragem. Como relata A.P, em entrevista concedida em 23 de novembro de 2019, “*Sobre o peixe que tem no lago não é todo mundo que come. [...] Não é todo mundo que come, tem muita gente, nem o pescador que comia peixe do rio antes, não come peixe hoje do lago*” (A.P, 2019).

O motivo pelo qual o peixe não apresentar a mesma qualidade de antigamente, se dá devido ao produto tóxico em consequência da putrefação das árvores e assim, os peixes não se encontram saudáveis como antigamente, interferindo também no seu sabor. Outra problemática ocorrida se deu durante as pescas realizadas através das redes, geralmente os pescadores lançam-as ao rio e esperam uma noite para que na manhã do dia seguinte possam puxar a rede e recolherem os peixes que haviam nelas. Portanto, devido ao produto tóxico liberado na água, os peixes quando pegos no outro dia pela manhã, estavam mortos, dessa forma, sendo descartados então pelos pescadores.

A pesca para uma comunidade ribeirinha vai além de uma coleta de peixes para a alimentação. O jogar da rede no rio, a espera do peixe, possui toda uma memória de afetividade para essa comunidade tradicional. Aos olhos de muitas pessoas, o rio pode ser apenas uma paisagem, mas para pescadores é um lugar de afetividade, onde histórias são contadas de um tempo em que a produção pesqueira se encontrava com fartura. O motivo da resistência da comunidade em permanecer exercendo a pesca se dá pelo fato desse modo de vida ribeirinha ser a forma que eles podem permanecer com a sua identidade. Apesar da queda de produção pesqueira em consequência do grande empreendimento, a resistência se encontra em cada morador do Acampamento Coragem.

6. DA VAZANTE PARA AS ROÇAS DE TOCO: AS MUDANÇAS NA AGRICULTURA DA COMUNIDADE RIBEIRINHA

Antes da UHE de Estreito, a comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem realizava suas plantações em vazantes, nas épocas de desnível do rio Tocantins e assim o solo das margens do rio que estava fértil favorecia a agricultura. Machado (2020) em uma de suas pesquisas relata que as vazantes são práticas de plantio na beira do rio em épocas de desnível. Segundo o autor, a vida dos acampados sempre estiveram ligadas ao rio Tocantins, pois, em épocas de cheia, o solo das margens dos rios é fertilizado. Com o desnível do rio, as áreas férteis se encontram em condições para plantio de alimentos que sustentam a comunidade.

O conhecimento que a comunidade ribeirinha possui para aplicar essa forma de plantio ressalta em mais uma da utilidade que o rio tem para os/as acampados/as. Portanto, com a demarcação das Áreas de Preservação Permanente (APP), foram proibidos de usar as vazantes como método para realizarem a plantação. Sendo assim, os ribeirinhos tiveram que optar por uma nova forma de plantio.

As roças de toco surgiram como uma nova alternativa para continuarem exercendo a agricultura. Trata-se de “[...] uma prática agrícola que se restringe a áreas tropicais, popularmente conhecida pelos acampados como área de chapadas, que se caracteriza por áreas de terras mais elevadas e planas” (MACHADO, 2020, p. 90).

Figura 4 - Preparo do solo nas roças de toco



Fonte: Amario (Novembro/2019)

Na Imagem 4, ocorreu um grande processo de queimada com o objetivo de preparar o solo para o plantio. Apesar da queimada, também se observa limpeza no terreno para que assim se encontre em boas condições para a prática da agricultura. No fundo se encontra um barracão pertencente a um dos acampados, e a vegetação ao redor, característica típica do bioma cerrado, com árvores de pequeno a médio porte, levemente encurvadas. Apesar da preparação do solo para a realização de plantio, não é toda fruta ou legumes que servem para a plantação. Tais concepções são abordadas pelos ribeirinhos, conforme o trecho da entrevista com a A.P, em novembro de 2019:

[...] pode muito bem chegar em uma grelha dessa daí e comprar 30/ 40 saco [sic] de bosta de galinha e misturar na terra e deixar ela e plantar [sic] alguma coisa [...] plantar um milho, plantar um arroz, porque aqui não dá não, arroz não, mas lá no seu [...] ainda dar um pouquinho. Não é muito mas dá. [sic]E aqui na frente planto só um feijão, uma mandioca. O feijão dá mais ligeiro, a mandioca também. Quando o inverno é bom ela dá ligeiro, porque essa daqui eu plantei, eu plantei [sic] foi de duas em duas palmas, olha o tantinho que tem (A.P, 2019).

Na fala do acampado A.P é ressaltado alguns dos vegetais plantados, como, por exemplo, o feijão e a mandioca. O ribeirinho ainda relata sobre a plantação de arroz que não frutifica na sua roça, mas que no morador vizinho, o solo se encontra em condições de plantio. Essa abordagem é confirmada quando ele cita: “*aqui não dá não, arroz não, mas lá no seu [...] ainda dá um pouquinho*”. Por consequência da acidez do solo do cerrado, não é todo legume ou verdura que pode ter sucesso na plantação.

Apesar da comunidade ter procurado soluções para o cultivo de frutas e legumes, como o plantio nas roças de toco, os acampados ainda enfrentam desafios para realizarem plantações. Portanto, mesmo com a terra pouco fértil, a comunidade permanece sempre procurando formas de continuarem exercendo a sua agricultura de subsistência⁷. Os acampados continuam mantendo suas ligações com a terra, e se alimentando do pouco que é produzido (OLIVEIRA, 2021).

Apesar dos desafios enfrentados em decorrência da acidez do solo, a comunidade sempre procura formas de realizarem plantios. Na Figura – 5 , nota-se alface e cheiro verde plantados em um canteiro, outra forma que a comunidade utiliza para a realização da agricultura. Já na Figura - 6 podemos notar a plantação de abóbora, e como podemos observar, o plantio ocorreu no solo arenoso

⁷ De acordo com Nierdele e Wesz Júnio (2018) apud Machado (2020), a agricultura de subsistência pode ser socialmente denominada de ordem doméstica, trata-se da produção do que é socialmente necessário para a reprodução física do trabalhador e da sua família. Organizando-se através de cultivos agrícolas, como: roçados, pomares, criação de animais, extrativismo, caça e pesca.

do cerrado, preparado para ocorrer a plantação, refletindo então a habilidade então dos acampados como agricultores.

Figura 5: Alface e cheiro verde



Fonte: Machado (Dezembro/2017).

Figura 6: Plantio de abóbora



Fonte: Machado (Dezembro/2017).

A mudança na agricultura da comunidade ribeirinha demonstra a forma como os acampados procuram possibilidades de continuarem exercendo suas práticas ribeirinhas. A plantação nas roças de toco aborda essa questão de resistência na procura de novos métodos para continuar exercendo a agricultura. Por mais que o solo não se encontre em boas condições, não é motivo para os ribeirinhos desistirem do plantio. A agricultura para a comunidade, assim como a pesca, se encontra nas suas vivências, e apesar dos desafios enfrentados para obter a plantação, a comunidade ribeirinha permanece resistindo em prol da permanência da sua cultura.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa nos leva a refletir sobre toda a questão de políticas públicas e a falta de comprometimento vindo de órgãos privados quando o assunto está relacionado às questões socioambientais. Nota-se que apesar de todas as problemáticas enfrentadas pela comunidade em consequência dos conflitos causados pela Usina Hidrelétrica de Estreito, a comunidade ribeirinha do Acampamento Coragem adotou novas medidas e mantiveram-se resistentes em seus pontos às

margens do rio e devido a isso, tiveram que se adaptar em um novo ambiente, embora parecido com o anterior, novos modelos de agricultura como também os desafios na produção pesqueira. O que mais define essa comunidade é a resistência, a forma de continuar exercendo sua cultura e modo de vida sendo capaz então de enfrentar todas as consequências trazidas pelo megaempreendimento.

Quando perguntado sobre assuntos voltados às Usinas Hidrelétricas, por uma ótica capitalista torna-se um assunto bastante pragmático, isso porque de acordo com as empresas privadas responsáveis pela geração desse modelo de energia, o modelo hidrelétrico é conhecido por fornecer energia limpa devido não emitir gases poluentes, como por exemplo o dióxido de carbono. Entretanto, quando estudado os impactos trazidos a comunidades ribeirinhas ou até mesmo a fauna e flora, é notório o tamanho da problemática que é causada pelas mesmas.

A partir da presente pesquisa e dos dados coletados, observa-se a realidade de povos na qual muitas vezes não se encontram visíveis perante a sociedade. Sendo assim, através desta pesquisa, pode-se expandir cada vez mais a temática trabalhada e, sobretudo, trazendo conhecimento a sociedade sobre questões voltados a visibilidades de identidades claramente definidas, como também a hegemonia do capital presente no Brasil, responsável por prejudicar cada vez mais os povos tradicionais e o meio ambiente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 7.342, de 26 de outubro de 2010. Institui o Cadastro Socioeconômico para identificação, qualificação e registro público da população atingida por empreendimentos de geração de energia hidrelétrica, cria o Comitê Interministerial de Cadastramento Socioeconômico, no âmbito do Ministério de Minas e Energia, e dá outras providências. Brasília: DOU Diário Oficial da União. Publicado no D.O.U em 27 de outubro de 2010.

CARVALHO, Natan Ferreira de; ROMARCO, Marcelo Leles; FONSECA, Bruno Costa da. De pescadores artesanais a piscicultores: a mudança nos meios de vida entre os pescadores atingidos pela construção da usina hidrelétrica do funil. **Extensão Rural**, v. 24, p. 79, 2017.

CONEXÃO Tocantins. **Ceste esclarece mortandade de peixes na Usina Hidrelétrica de Estreito**. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2011/05/26/ceste-esclarece-mortandade-de-peixes-na-usina-de-estrito>. Acesso em: 04 jun. 2022.

COVER, Maciel; SANTOS, Chirlene Alves dos. Gerações, identidades e saberes: um olhar sobre a comunidade Ilha Verde – Babaçulândia/TO. In: BARCELLOS, Sérgio Botton (Org.). **Juventude rural e conflitos socioambientais no Brasil: existências e resistências**. Curitiba: Apris, 2021.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

LIMA, Claudio Márcio Amaral de Oliveira. **Informações sobre o novo coronavírus (COVID- 19)**. Radiol Bras. 2020, Mar/Abr: p. 5–6

MACHADO, Laylson Mota. **“A Beira do rio é o nosso lugar”**: os efeitos da Usina Hidrelétrica de Estreito (MA) e a vida ribeirinha no Acampamento Coragem em Palmeiras do Tocantins (TO). 2020. 139f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) - Universidade Federal do Tocantins, UFT: Araguaína, 2020.

MELO, Maria José de. **Grandes obras no território ribeirinho do Submédio São Francisco: Resistência no campo e na cidade à construção da Hidroelétrica de Riacho Seco no Município de Santa Maria da Boa Vista - PE**. 2016. 133f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE: Recife, PE, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 1 ed. . São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992. 57 p.

NIERDELE, Paulo Andre; WESZ JUNIOR, Valdemar João. **As novas ordens alimentares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

OLIVEIRA, G. da S. **A Comunidade Ribeirinha do Acampamento Coragem e os Efeitos da Usina Hidrelétrica de Estreito (MA)**. 2021. 62f. Monografia (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal do Tocantins, UFT: Araguaína, TO. 2021.

OLIVEIRA, G. S. ; MACHADO, L. M. ; SIEBEN, A. Acampamento Coragem no município de Palmeiras do Tocantins (TO) e os impactos da Usina Hidrelétrica de Estreito (MA). **Revista de Ciências Humanas UFV**, v. 21, p. 1-17, 2021.

PARREIRA, Pedro M. et al. **A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa**. Goiás: Atas CIAIQ, 2017.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. A Resistência Olha a Resistência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. 2007, v. 23 n. especial, p. 73-78.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

TEIXEIRA, Raquel Oliveira Santos. **Conflitos Socioambientais no Licenciamento da Usina Hidrelétrica de Murta: a luta pelo sentido e o destino do território no Médio Jequitinhonha - MG**. 2005. 34f. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG: Belo Horizonte, MG, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: Um estudo de Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

UHE ESTREITO/ NOTÍCIAS. **Resgate de peixes entre as ensecadeiras da UHE Estreito é realizado com sucesso**. Disponível em: <https://www.uhe-estreito.com.br/noticias/144-resgate-de-peixes-entre-as-ensecadeiras-da-uhe-estreito-e-realizado-com-sucesso.html>. Acesso em: 21 jun. 2022.

Data de submissão: 07/01/2023
Data de aprovação: 10/02/2023